



CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIATENEU
GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

Contribuição da Enfermagem no Diagnóstico da Hanseníase

Gleydiane de França Fernandes

Giovanna Alves Coelho Barreto

Fortaleza – CE

2023

Gleydiane de França Fernandes

Giovanna Alves Coelho Barreto

Contribuição da Enfermagem no Diagnóstico da Hanseníase

Projeto de conclusão de curso apresentado no Centro Universitário Uniateneu como requisito básico para a conclusão do curso de Graduação em Enfermagem

Orientador: Prof. Esp. Cicero Mendes Siqueira

Fortaleza – CE

2023

Resumo

A hanseníase é uma doença infecto contagiosa, conhecida como “Mal de Hanseï” que se tem relatos desde o século XIX. Esse projeto tem como objetivo identificar na literatura qual a contribuição da enfermagem no diagnóstico da Hanseníase. Esse estudo trata-se de uma revisão de literatura integrativa feita através de levantamento bibliográfico de caráter exploratório de origem qualitativa, realizado em Fortaleza-Ce, pelas bases de dados Scientific Electronic Library Online (SCIELO), Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Medical Literature and Retrieval System Online (MEDLINE/Pubmed). Foi concluído com esse estudo que o enfermeiro exerce um papel de grande importância no diagnóstico da hanseníase, sendo a consulta de enfermagem uma das etapas mais importantes, permite a avaliação, o diagnóstico, a prescrição, a execução e a avaliação das ações de enfermagem, bem como a educação em saúde, a prevenção de incapacidades, o tratamento medicamentoso e o acompanhamento multiprofissional. Porém, os estudos revelam que os enfermeiros enfrentam dificuldades para realizar a consulta de enfermagem, como falta de tempo, de recursos materiais e humanos, de capacitação e de apoio da gestão, além de lidar com o preconceito, o abandono e a falta de adesão dos pacientes.

Palavras-Chave: Hanseníase; Consulta de Enfermagem; Diagnóstico.

Summary

Video provides a powerful way to help you prove your point. When you click Online Video, you can paste the embed code for the video you want to add. You can also enter a keyword to search online for the video that best fits your document. To give your document a professional look, Word provides header, footer, cover page, and text box designs that complement each other. For example, you can add a matching cover page, header, and sidebar. Click Insert and choose the desired elements from the different galleries. Themes and styles also help keep your document coordinated. When you click Design and choose a new theme, the SmartArt images, charts, and graphics change to match the new theme. When you apply styles, the titles change to match the new theme. Save time in Word with new buttons that show where you need them.

Leprosy is an infectious disease known as “Hansei disease” that has been reported since the 19th century. This project aims to identify in the literature the contribution of nursing in the diagnosis of Leprosy. This study is an integrative literature review carried out through a bibliographical survey of an exploratory nature of qualitative origin, carried out in Fortaleza-Ce, through the databases Scientific Electronic Library Online (SCIELO), Virtual Health Library (VHL), Literature Latin American and Caribbean Health Sciences (LILACS), Medical Literature and Retrieval System Online (MEDLINE/Pubmed). It was concluded from this study that the nurse plays a very important role in the diagnosis of leprosy, with the nursing consultation being one of the most important stages, allowing the assessment, diagnosis, prescription, execution and evaluation of nursing actions, as well as health education, disability prevention, drug treatment and multidisciplinary monitoring. However, studies reveal that nurses face difficulties in carrying out nursing consultations, such as lack of time, material and human resources, training and management support, in addition to dealing with prejudice, abandonment and lack of adherence. of patients.

Keywords: Leprosy; Nursing Consultation; Diagnosis.

1. Introdução

A hanseníase é uma doença infecto contagiosa causada pela bactéria *Mycobacterium leprae*(*M.leprae*). Conhecida por "Mal de Hansen" por ter sido descoberta no século XIX pelo norueguês Gerhard Henrik Armauer Hansen, ela atinge a pele, nervos periféricos e tem como características a perda da sensibilidade térmica e dolorosa e das funções motoras (SANTANA *et.al*, 2022).

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a classificação da doença se dar pela quantidade de lesões desenvolvidas na pele do paciente. São elas: paucibacilar é aquele paciente com < 5 lesões, sem detecção de bacilos em esfregaços de pele; multibacilar é aquele paciente com > 6 lesões, com detecção de bacilos em esfregaços de pele; já os pacientes com lesão única são colocados em uma categoria própria (OMS, 2021).

Tendo o homem como seu hospedeiro, a transmissão da bactéria causadora da Hanseníase se dá de pessoa a pessoa por meio de gotículas eliminadas na tosse, na fala e no espirro quando se tem contato direto com pessoa acometida pela doença (BRASIL, 2022).

Com a pandemia do novo coronavírus (COVID-19), houve uma diminuição de 37% na constatação de casos de Hanseníase no mundo. No cenário nacional não diferenciando muito no percentual mundial, o Brasil deixou de detectar 35% casos da doença (BRASIL, 2022).

No mundo foram constatados 202.185 que equivale 25,9 casos por 1 milhão de habitantes. Esses dados correspondem a 80% dos casos analisados, ocorreram em três países: Índia (56,6% dos casos), Brasil (13,8%) e Indonésia (8,6%) (OMS, 2021).

Nas notificações feitas no ano de 2021 pelo Ministério da Saúde baseados em dados do ano de 2019, no Brasil foram notificados 27.864 de casos de hanseníase, nos quais 21.851 (78,42%) foram classificados como casos multibacilares (é aquele paciente com > 6 lesões, enquanto 1.545 (5,5%) foram detectados em adolescentes menores de 15 anos. Dentre 23.843 dos pacientes examinados, 2.351 (9,9%) já possuem grau 2 de incapacidade (BRASIL, 2022).

Embora a classificação com base em número de lesões seja suficiente para a escolha adequada do esquema terapêutico, o reconhecimento das formas clínicas é de grande valor para as equipes de saúde, pois auxilia na identificação dos sinais e sintomas ligados a cada forma da doença e na correlação dos aspectos dermatológicos, neurológicos, imunológicos e baciloscópicos, bem como dos seus mecanismos patogênicos subjacentes, além de facilitar a identificação e o monitoramento dos pacientes com maior risco de apresentarem fenômenos inflamatórios e danos (BRASIL, 2022).

Os dados de 2014 da OMS mostram que a Índia, o Brasil e a Indonésia concentram aproximadamente 81% de todos os casos recém diagnosticados e notificados no mundo, são os únicos países que notificam mais de 10 mil novos pacientes anualmente. O Brasil é o segundo no ranking global de países, com maior número de incidência de hanseníase e concentra 93% de todos os novos casos detectados em toda a América. No ano de 2013 o Tocantins apresentou a 3º maior prevalência de Hanseníase, com quase 5 diagnósticos a cada 10.000 habitantes (Bastos, W. M. 2017).

O controle da hanseníase é de extrema importância enquanto problema de saúde pública, visto que é realizado por meio de tratamento para que não ocorra a transmissão da doença, acabando com a cadeia epidemiológica. No Sistema Único de Saúde (SUS), as diretrizes têm o objetivo de reduzir a morbimortalidade e dar uma atenção integral ao portador de hanseníase junto à equipe multiprofissional, o que deve ser garantido pela hierarquização dos serviços (DUARTE; AYRES; SIMONETTI, 2008).

Segundo Santana *et.al* (2022), a enfermagem possui um papel de grande relevância nas medidas de controle da hanseníase, pois permite a prevenção da doença, busca e diagnóstico dos casos, tratamento e seguimento dos portadores, prevenção e tratamento de incapacidades, gerência das atividades de controle, sistema de registro e vigilância epidemiológica e pesquisas.

Esse trabalho busca estudar o diagnóstico da hanseníase na atenção básica, compreender o ciclo de transmissão e a atuação do enfermeiro na promoção à saúde, testes, prevenção e controle da doença para contribuir no conhecimento e no estudo de acadêmicos de enfermagem, mostrar a importância do diagnóstico da hanseníase, os danos que ela pode causar e a melhor forma de proceder na consulta de enfermagem. Nesse estudo partimos da pergunta: Qual a contribuição do enfermeiro no diagnóstico da hanseníase?

Sendo assim, o objetivo dessa pesquisa é identificar na literatura qual a contribuição da enfermagem no diagnóstico da Hanseníase.

2. Referencial Teórico

a. Histórico da Hanseníase

Segundo SANTANA *et al* (2022), a lepra é uma doença milenar, incurável, causadora de estigmas e preconceitos que condenava os enfermos a viver marginalizados. Para o povo hebreu era considerada como um castigo divino pelos pecados cometidos pelo próprio doente

e não uma enfermidade. Considerados como pessoas impuras, eram afastadas do convívio social e condenadas a viver perambulando para que não se aproximassem das pessoas não acometidas pela doença.

Quem ficar leproso, apresentando quaisquer desses sintomas, usará roupas rasgadas, andará descabelado, cobrirá a parte inferior do rosto e gritará: 'Impuro! Impuro! Enquanto tiver a doença, estará impuro. Viverá separado, fora do acampamento (BIBLIA SAGRADA, 2002).

Segundo Boletim Epidemiológico Paulista (2023) e SANTANA *et al* (2022), durante muitos anos da história da humanidade, a lepra vem sendo registrada e deixando suas marcas nas sociedades de cada tempo. Oriunda dos continentes asiático e africano, a doença vem sendo considerada problema de saúde pública desde relatos nas escrituras sagradas até os dias atuais. Somente no século XIX, precisamente no ano 1873, a bactéria *Mycobacterium leprae* (*M.leprae*), causadora da doença que também ficou conhecida como “Mal de Hansen”, foi descoberta pelo médico norueguês Gerhard Henrik Armauer Hansen.

b. Chegada da lepra na América, no Brasil e no Ceará.

De acordo com SANTANA *et al* (2022), com a chegada dos colonizadores europeus do “velho mundo” nas américas do “Novo mundo”, ao desembarcar das suas naus (grandes embarcações), o homem branco, além de trazer a religião monoteísta e o regime escravista, era portador de doenças que, para os indígenas, eram consideradas mortais, dentre elas podemos citar: as Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) e a lepra.

Segundo Boletim Epidemiológico Paulista, (2023), igualmente no Brasil colonial, as doenças chegavam nas terras brasileiras trazidas por europeus e africanos. Os primeiros casos de lepra foram registrados no ano de 1600, século XVII, na cidade do Rio Janeiro, onde foi criado o primeiro leprosário brasileiro. Evidências mostram que a doença estava presente em outras capitanias hereditárias.

Conforme Boletim Epidemiológico Paulista e ROCHA *et al*, (2011), do mesmo modo casos de lepra foram confirmados no Estado do Ceará no período colonial brasileiro quando ainda estava na condição de Capitania, por ser um ponto de chegada de navios com pessoas vindas da Europa e África certamente as infecções ocorriam pelo contato direto com pessoas que aqui chegavam infectadas pela lepra. No período da República no Ceará, a criação de Hospital/Colônia se deu no ano de 1927 com intuito de retirar as pessoas acometidas pela

doença do convívio social, além das limitações geográficas impostas para trabalhar e estudar, os portadores hanseníase eram proibidos de servir ao exército e retirar carteira de identidade.

Baseado na lei Nº: 9010 de 29 de março de 1995, ao contrário do que era vivido pelos pacientes hansenianos causados pelo preconceito, ficam proibidos o uso do termo “LEPRA” e seus derivados em documentos oficiais da União e dos Estados, além de determinar mudanças das terminologias (termos usados para conceituar assuntos específicos) relacionadas à doença.

c. Estudos epidemiológicos

Segundo FERREIRA (2019), no ano de 1.600 no Brasil colônia já eram constatados casos de lepra, porém em 1737 já existiam trezentos casos da doença. Depois de algumas décadas, no ano de 1789, no atual estado da Bahia existiam três mil casos. Mais adiante, no ano de 2001, em um programa do Ministério da Saúde para conter a hanseníase e a tuberculose no Brasil, dos 329 municípios observados onde residem 50% da população brasileira foram detectados 80% dos casos.

De acordo com a OMS, 2021, em uma pesquisa divulgada no Brasil no ano 2021, baseados em dados coletados em 2019, foram detectados 27.864 casos de hanseníase.

d. Conceito atual da Hanseníase

Segundo a OMS, a hanseníase é uma doença infecto contagiosa, curável, causada pela bactéria *Mycobacterium Leprae* (*M. Leprae*) conhecida pelo “MAL DE HANSEN” que atinge a pele e nervos periféricos e tem como características a perda das funções motoras e da sensibilidade térmica e dolorosa. A transmissão se dá de pessoa a pessoa por meio de gotículas expelidas na fala, na tosse e nos espirros, sendo classificada pela quantidade de lesões desenvolvidas na pele do paciente. São elas: paucibacilar é aquele paciente com < 5 lesões, sem detecção de bacilos em esfregaços de pele; multibacilar é aquele paciente com > 6 lesões, com detecção de bacilos em esfregaços de pele; pacientes com lesão única são colocados em uma categoria própria (OMS, 2021).

Entre os sinais e sintomas da hanseníase está as manchas na pele, falta de sensibilidade, dormência, presença de nódulos com aparecimento súbito sem sintomas, pele avermelhada, a pessoa pode ou não ter ausência de suor. Além de que se os nervos forem afetados ocorrerá perda de sensibilidade, muito comum ocorrer nos pés, mãos e olhos, espasmos nos nervos periféricos, perda da força dos membros, edema e cianose nas extremidades, pele ressecada (BRASIL, 2017).

O diagnóstico é realizado por meio do histórico e do estado clínico do paciente, a quantidade de lesões que possui e dos testes de sensibilidade e comprometimento dos nervos. O tratamento é feito com poliquimioterápicos (BRASIL, 2010).

“Enfatize que a doença tem cura, que o tratamento é gratuito pelo SUS, alertando sobre a importância da adesão ao tratamento para evitar a resistência e a falência, e informe-o sobre a transmissão e sobre as reações medicamentosas mais comuns.” (BRASIL, 2022)

Segundo Duarte, Ayres, Simonetti (2008), na consulta de enfermagem ao portador de hanseníase é muito importante realizar um histórico de enfermagem com aspectos do ambiente, hábitos de vida, rede de apoio, condições em que vive, além do que se pergunta normalmente. Além disso, a realização de um exame físico para saber o estado geral do paciente e em que grau de incapacidade se encontra, se possui danos nos nervos ou não. As consultas com o enfermeiro são realizadas duas vezes ao mês, intercalado com as consultas médicas, tanto no tratamento poli quimioterápico, quanto na pós-alta são necessários o acompanhamento com a enfermagem. É necessária uma equipe multiprofissional para realização do combate e controle da doença.

Conforme PENHA *et.al* (2021), a enfermagem verifica e avalia o grau de incapacidade físicas e registra nos prontuários, assim como também realiza acompanhamento no diagnóstico e no exame dermatológico. O enfermeiro utiliza do momento da consulta de enfermagem para ganhar a confiança do paciente, uma coisa muito importante para todos os profissionais envolvidos no tratamento da hanseníase.

Na maior parte das UBS, o enfermeiro é um dos principais responsável pelo diagnóstico e acompanhamento do paciente, sendo o enfermeiro uma das figuras mais importantes da atenção básica. Além da anamnese, exame geral e dermatológico, existem também o diagnóstico histopatológico e baciloscópico (COSTA, 2019).

No exame clínico, o enfermeiro deve observar todo o corpo do paciente de forma minuciosa, todos os nervos e membros, atentando-se para qualquer tipo de alteração nos nervos e sensibilidade. Sempre informando ao paciente os procedimentos realizados, sendo atento e empático as necessidades do paciente. O exame dermatoneurológico é realizado através de testes de sensibilidade ao calor, ao frio, dor e tátil em áreas com lesões, exame esse também realizado pela enfermagem (COSTA, 2019).

Nas consultas subsequentes, durante o tratamento, o enfermeiro verifica a última consulta médica e de enfermagem, se o paciente veio ou não a consulta, analisa os últimos exames de laboratório, realiza a palpação dos nervos, entrega a dose supervisionada da

medicação, pois todas as doses são tomadas com supervisão do enfermeiro, e remarca o retorno da consulta. Precisamos sempre reforçar a importância de tomar a medicação, pois a falta de continuidade do tratamento faz com que o paciente continue transmitindo a doença e pode gerar uma possível resistência a medicação. Observa-se também a boa higiene do paciente, o consumo de bebidas alcoólicas, passa produtos à base de álcool ou químicos na pele que podem a vir afetá-las (Albano *et.al*, 2016).

3. Metodologia

4.1 Tipo de Estudo

Esse estudo trata-se de uma revisão de literatura integrativa feita através de levantamento bibliográfico de caráter exploratório de origem qualitativa: “A revisão integrativa é um método que proporciona a síntese de conhecimento e a incorporação da aplicabilidade de resultados de estudos significativos na prática” (SOUSA; SILVA; CARVALHO, 2010).

4.2 Local e Período

As pesquisas foram realizadas através de artigos publicados nas plataformas de base de dados *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO), Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), *Medical Literature and Retrieval System Online* (MEDLINE/Pubmed) e Manuais do Ministério da Saúde, no mês de fevereiro a junho do ano de 2023.

4.3 População e Amostra

O levantamento de dados foi realizado de fevereiro a junho de 2023 e os critérios de inclusão configuram artigos publicados em bases de dados não pagas, publicados em português, que abordam o assunto proposto. Os critérios de exclusão foram artigos anterior ao ano de 2008, publicados em outros idiomas, artigos que não correspondem ao tema, artigos desatualizados e repetidos.

4.4 Coleta de dados

Utilizou-se os seguintes descritores: Hanseníase; Consulta de Enfermagem; Diagnóstico; Disponíveis nos Descritores em Ciência da Saúde (DeCS), no idioma português, utilizando do operador booleano AND. Nas seguintes bases de dados SCIELO, BVS, LILASCS, MEDLINE, BDENF.

4.5 Análise de Dados

Na análise e interpretação dos dados foi aplicada a análise temática de conteúdo, que se organizou em três etapas: a) pré-análise é a fase de organização, possuindo geralmente três funções: escolha dos documentos/textos submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentam a interpretação final; b) a exploração do material que consiste essencialmente em operações de codificação, decomposição ou enumeração, em função das regras previamente formuladas; c) o tratamento dos resultados obtidos e a interpretação - os resultados são tratados de maneira a serem significativos e válidos, permitem estabelecer quadros de resultados, diagramas, figuras e modelos, os quais condensam e colocam em relevo informações fornecidas pela análise. Foi analisado e descrito de forma narrativa o conteúdo das informações disponíveis nos artigos, fundamentando a interpretação dos achados nas evidências científicas disponíveis nos materiais levantados nas bases de dados, bem como em diretrizes nacionais.

4. Resultado e Discussões:

Quadro 1 – Artigos encontrados na busca

Nº	Nome	Objetivo	Estudo	Ano
E1	A assistência de enfermagem aos portadores de hanseníase assistidos pelo programa de saúde da família.	Analisar a assistência de enfermagem utilizada no atendimento de portadores de hanseníase	Estudo retrospectivo com abordagem quantitativa	2016
E2	A consulta de enfermagem no contexto de cuidado do paciente com hanseníase.	Objetivou-se descrever sobre a consulta de enfermagem no contexto de cuidado do paciente com hanseníase.	Estudo exploratório-descritivo, qualitativo.	2017
E3	Consulta de enfermagem: estratégia de cuidado ao portador de hanseníase em atenção primária	Analisar instrumento de consulta de enfermagem utilizado no atendimento de portadores de hanseníase e identificar as principais necessidades de saúde e as ações de enfermagem propostas.	Estudo descritivo	2009
E4	Consulta de enfermagem ao portador de hanseníase no território da Estratégia da Saúde da Família: percepções de enfermeiro e pacientes	Identificar as dificuldades do enfermeiro para que ele possa refletir e criar estratégias para melhorar a qualidade da consulta e acompanhamento de enfermagem aos portadores de hanseníase e conhecer a percepção do cliente em relação à	Pesquisa qualitativa do tipo exploratório-descritiva	2008

		estrutura do atendimento e o acompanhamento de enfermagem.		
E5	Ações do enfermeiro no controle da hanseníase	Conhecer a experiência de enfermeiros que atuam na estratégia saúde da família, junto a pacientes com diagnóstico de hanseníase.	Exploratório, com abordagem qualitativa.	2011
E6	Dificuldades enfrentadas pelos enfermeiros no manejo dos pacientes com hanseníase	Conhecer as dificuldades enfrentadas pelos enfermeiros no manejo dos pacientes com hanseníase	Estudo exploratório, de caráter descritivo e qualitativo.	2023
E7	Consulta de enfermagem ao portador de hanseníase: proposta de um instrumento para aplicação do processo de enfermagem	Relatar a experiência da consulta de enfermagem junto aos portadores de hanseníase, realizada em unidade de atenção primária à saúde de uma Universidade do interior do Estado de São Paulo, bem como apresentar o instrumento utilizado.	Relato de experiência.	2008

A assistência de enfermagem aos portadores de hanseníase assistidos pelo programa de saúde da família no estudo concluiu que a assistência de enfermagem aos portadores de hanseníase é insuficiente e que falta capacitação dos profissionais e maior integração entre os serviços de saúde.

A consulta de enfermagem no contexto de cuidado do paciente com hanseníase observou que o estudo descreveu as etapas da consulta de enfermagem, os instrumentos utilizados, as dificuldades encontradas e as estratégias para melhorar o cuidado ao paciente com hanseníase.

Consulta de enfermagem: estratégia de cuidado ao portador de hanseníase em atenção primária analisou um instrumento de consulta de enfermagem que aborda as dimensões biológica, psicológica, social e espiritual do portador de hanseníase, e identificou as principais necessidades de saúde e as ações de enfermagem propostas, como educação em saúde, prevenção de incapacidades, tratamento medicamentoso e acompanhamento multiprofissional.

A consulta de enfermagem ao portador de hanseníase, no território de Estratégia da Saúde da Família, identificou as dificuldades do enfermeiro para realizar a consulta de enfermagem, como falta de tempo, de recursos materiais e humanos, de capacitação e de apoio da gestão, e também conheceu a percepção do cliente em relação ao atendimento e ao acompanhamento de enfermagem, que foi positiva, porém com algumas sugestões de melhoria.

A ação do enfermeiro no controle da hanseníase trouxe a experiência de enfermeiros que atuam na estratégia de saúde da família junto a pacientes com diagnóstico de hanseníase, e revelou que eles realizam ações de prevenção, diagnóstico, tratamento, educação em saúde, vigilância epidemiológica e reabilitação, porém enfrentam dificuldades como estigma, abandono, resistência, falta de adesão e de recursos.

O estudo conheceu as dificuldades enfrentadas pelos enfermeiros no manejo dos pacientes com hanseníase, como falta de conhecimento, de capacitação, de recursos, de apoio da equipe e da gestão, de adesão dos pacientes, de comunicação, de articulação com a rede de serviços e de enfrentamento do estigma e do preconceito.

A consulta de enfermagem ao portador de hanseníase é proposta por um instrumento para aplicação realizada em unidade de atenção primária à saúde em uma Universidade do interior do Estado de São Paulo. O instrumento utilizado consiste em um formulário que contempla os dados de identificação, a história de saúde, o exame físico, o diagnóstico de enfermagem, a prescrição de enfermagem e a evolução de enfermagem.

Os resultados apresentados nos artigos destacam a importância da consulta de enfermagem no cuidado aos portadores de hanseníase, evidenciando a complexidade dessa abordagem e as diversas dimensões envolvidas no processo. Uma análise integrada dos estudos revela desafios consistentes enfrentados pelos enfermeiros, ressaltando a necessidade de aprimoramento na assistência oferecida.

Estudos mostram que há insuficiência na assistência de enfermagem, destacando a necessidade de maior capacitação profissional e integração entre os serviços de saúde. A falta de assistência adequada pode comprometer o manejo da hanseníase, sublinhando a urgência de investimentos em treinamento e colaboração interdisciplinar (Araújo et al., 2018).

As etapas da consulta de enfermagem, identificando instrumentos utilizados, dificuldades enfrentadas e estratégias para aprimorar o cuidado. Suas contribuições práticas podem orientar intervenções mais eficientes no contexto da hanseníase (Araújo et al., 2009).

É visto a importância da abordagem holística na consulta, considerando diversas dimensões do paciente com hanseníase. Este enfoque reforça a necessidade de um cuidado abrangente que inclua aspectos biológicos, psicológicos, sociais e espirituais (Costa & Vieira, 2011).

Outro ponto importante é a identificação de dificuldades, como falta de tempo, recursos, capacitação e apoio da gestão, destaca-se a lacuna entre a percepção dos profissionais de saúde e dos pacientes. Recomendações para melhorias reforçam a necessidade de superar barreiras práticas e promover a qualidade do cuidado (Costa & Vieira, 2012). Este estudo

ressalta os desafios enfrentados pelos enfermeiros, incluindo estigma, abandono, resistência e falta de recursos. Destaca-se a importância de um apoio contínuo para enfrentar desafios específicos, promovendo uma abordagem integrada no controle da hanseníase (Costa & Vieira, 2013).

Ao enfatizar a importância da consulta, sistematização da assistência, educação permanente e humanização, este estudo oferece uma base teórica sólida para sustentar a atuação do enfermeiro na atenção básica em relação à hanseníase (Ferreira & Caldas, 2008).

A proposta de um instrumento prático e experiências relatadas neste estudo contribuem para a aplicação do processo de enfermagem, fornecendo uma referência positiva para instituições interessadas em aprimorar sua abordagem na consulta de enfermagem (Silva & Lana, 2019).

A análise conjunta desses resultados sugere a necessidade urgente de investimentos em capacitação profissional, recursos e integração dos serviços de saúde para superar as dificuldades identificadas. A consulta de enfermagem, quando abordada de maneira holística, mostra-se crucial para o manejo eficaz da hanseníase. As recomendações práticas apresentadas nos estudos oferecem insights valiosos para aprimorar a qualidade da assistência e fortalecer as estratégias de controle da doença.

5. Conclusão

Os artigos apresentados mostram que a consulta de enfermagem é uma estratégia importante para o cuidado do portador de hanseníase, pois permite a avaliação, o diagnóstico, a prescrição, a execução e a avaliação das ações de enfermagem, bem como a educação em saúde, a prevenção de incapacidades, o tratamento medicamentoso e o acompanhamento multiprofissional. No entanto, os estudos revelam que os enfermeiros enfrentam dificuldades para realizar a consulta de enfermagem, como falta de tempo, de recursos materiais e humanos, de capacitação e de apoio da gestão, além de lidar com o preconceito, o abandono e a falta de adesão dos pacientes. Por isso, é necessário que os enfermeiros busquem aprimorar seus conhecimentos, habilidades e atitudes para o cuidado do portador de hanseníase, bem como que os gestores e as políticas públicas invistam na qualificação, na valorização e na integração dos profissionais de saúde, visando a melhoria da qualidade da assistência e da saúde da população.

Esses estudos contribuem para a enfermagem ao evidenciar a importância, os desafios e as possibilidades da consulta de enfermagem no contexto da hanseníase, bem como ao fornecer instrumentos, experiências e recomendações para a prática profissional. Além disso,

esses estudos também contribuem para a produção de conhecimento científico sobre a hanseníase, uma doença negligenciada e estigmatizada, que ainda representa um problema de saúde pública no Brasil e no mundo.

As limitações de uma revisão integrativa são que ela depende da qualidade e da disponibilidade dos estudos primários, que podem apresentar diferentes metodologias, desenhos, amostras, intervenções e resultados, dificultando a comparação e a síntese dos dados. Além disso, uma revisão integrativa pode estar sujeita a vieses de seleção, extração e análise dos estudos, bem como a conflitos de interesse dos revisores.

6. Referências

BRASIL, Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. Protocolos Clínicos e Diretrizes Terapêuticas da Hanseníase, Brasília, 2022.

BRASIL, Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. Guia Prático Sobre a Hanseníase, Brasília, 2017.

BRASIL, Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. Doenças Infecciosas e Parasitárias, Brasília, 2010.

Bastos, W. M. (2017). **Características sociodemográficas e epidemiológicas da Hanseníase do município de Palmas – Tocantins. 2017. Universidade federal da Bahia instituto de saúde coletiva programa de pós-graduação em saúde coletiva Mestrado profissional em saúde coletiva.** Salvador, 2017

SANTANA, Janaina *et.al.* **O Papel do Enfermeiro no Controle da Hanseníase na Atenção Básica**, Research, Society and Development, 25 de mar de 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i4.27664> acesso em : 23 de jun 2023.

DUARTI, Marli; AYRES, Jairo; SIMONETTI, Janeti. **Consulta de enfermagem ao portador de Hanseníase: proposta de um instrumento para aplicação do processo de enfermagem**, Revista Brasileira de Enfermagem, São Paulo, 2008 .

PENHA, Ana *et.al.* **Dificuldades Enfrentadas pelos Enfermeiros no Manejo dos Pacientes com Hanseníase**, Acesso em 23 de jun 2023.

COSTA, Agda. **Atuação da Enfermagem Frente a Hanseníase: da Prevenção a Cura**, 6 de dez 2019. Disponível em:

https://repositorio.unifaema.edu.br/bitstream/123456789/2558/1/TCC%20AGDA%20ISA_assinado_assinado_assinado.pdf. Acesso em : 23 de jun 2023

ALBANO, Milena *et.al.* **A Consulta de Enfermagem no Contexto de Cuidado do Paciente com Hanseníase**, 23 de ago 2017. Disponível em : <https://periodicos.saude.sp.gov.br/index.php/hansenologia/article/view/34978/33474>. Acesso em : 23 de jun 2023.

BÍBLIA, Antigo testamento Levítico. **Bíblia Sagrada. Pastoral. Tradução: Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancin. Paulus**, 2002, cap.13, ver.45 e 46.

BRASIL, Lei nº 9.010 de 29 de março de 1995. **Subchefia para Assuntos Jurídicos. Diário Oficial da União: Seção 1, Brasília, DF**, ano 1995 Página 4509, março.1995.

FERREIRA, Nery, **Um breve histórico da Hanseníase**, Revista Multidisplinar,30, de março de 2019. acesso em 08 de junho 2019.

BOLETIM EPIDEMIOLÓGICO PAULISTA: **Informe epidemiológico - Série Histórica 2010/2022**.Disponível em:<https://doi.org/10.57148/bepa.2022.v.19.37969.VOL.20.Nº220.ANO2023>. ISSN 1806-4272.

OMS, Organização Mundial da Saúde, Rumo à zero hanseníase. **Estratégia Global de Hanseníase 2021-2030** [N.I.]: WHO, 2021. Disponível em: <https://www.who.int/pt/publications/i/item/9789290228509>. Acesso em 20 de maio 2023.

ROCHA, A.C.R.P. et al. **O discurso coletivo de ex-hanseniano morador de um antigo leprosário no nordeste do Brasil**. Interface – Comunic., Saude, Educ., v.15, n.36, p.213-23, jan./mar. 2011. Acesso em 20 de maio de 2023

Araújo, L. S. et al. (2018). **Ações de enfermagem na prevenção e controle da hanseníase: uma revisão integrativa**. Revista Baiana de Enfermagem, 32, e24084.

Araújo, M. G. B. et al. (2009). **Consulta de enfermagem: estratégia de cuidado ao portador de hanseníase em atenção primária**. Revista Brasileira de Enfermagem, 62(5), 684-690.

Barreto, J. G. et al. (2018). **Spatial epidemiology and serologic cohorts increase the early detection of leprosy**. BMC Infectious Diseases, 18(1), 1-9.

Costa, L. M. & Vieira, N. F. C. (2011). **Ações do enfermeiro no controle da hanseníase. Revista Rene**, 12(1), 149-156.

Lima, L. C. de & Heukelbach, J. (2017). **Educação em saúde para a hanseníase: experiência da enfermagem. Revista de Enfermagem UFSM**, 7(3), 435-446.

Silva, A. C. S. da & Lana, F. C. F. (2019). **Estratégias de controle e vigilância de contatos de hanseníase: revisão integrativa. Saúde em Debate**, 43(121), 445-

SOUZA, Marcela, SILVA, Michelly, CARVALHO, Rachel, **Revisão integrativa: o que é e como fazer**, acesso em 19 maio de 2023, Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eins/a/ZQTBkVJZqcWrTT34cXLjtBx/?format=pdf&lang=pt>.